

**PROUST INVERTIDO: UMA LEITURA AVESSA DA
RECHERCHE E A APROXIMAÇÃO COM A MELANCOLIA A
PARTIR DE ROBERT BURTON**

*Inverted Proust: an adverse reading of the recherche and the approach
to melancholy from Robert Burton*

*Benito Eduardo Maeso¹
Tarik Vivan Alexandre²*

Resumo: O presente artigo visa investigar a problemática da melancolia a partir da conjunção entre a Recherche de Marcel Proust e Anatomia da Melancolia Robert Burton. É possível estabelecer semelhanças discursivas entre os autores, criando um paralelo entre as personagens Demócrito Júnior e Marcel, já que a investigação sobre o problema da mortalidade permeia os dois livros. Considerando que Burton não compreende a temporalidade como mortalidade, portanto, como melancolia, é possível introduzir Proust no debate uma vez que este compreende a passagem do tempo como um processo de degeneração se lido seu romance de modo invertido. Assim, os vínculos de mortalidade e perda são analisados a partir do tempo uma vez que Saturno seria o deus detentor do tempo. Pode-se concluir que Proust se relaciona com a temática da melancolia, sendo ao mesmo tempo herdeiro e criador de uma nova concepção sobre o tema com o conceito de tempo perdido.

Palavras-chave: Proust; Burton; Mortalidade; Tempo; Perda; Melancolia.

Abstract: This research aims to investigating the question of melancholy using, as theoretical standpoints, Marcel Proust's Remembrance of Things Past and Robert Burton's The Anatomy of Melancholy. The characters Democritus Junior and Marcel have profound similarities in their discourses about the condition of mortality, which can mean that this condition occupies a prominent place for their creators. Burton does not understand time as a mortality factor, but as a melancholic state. On the other hand, Proust comprehends the passage of time as a process of decaying. This process is more visible when we read the Remebrance in reverse order. Thus, the mortality and loss links will be analyzed from the conceptual perspective of Time. It's possible to conclude that Proust was, at the same time, a heir and a founder of a whole branch in melancholia studies with his use of the concept of time loss as a symptom of melancholy.

Keywords: Proust; Burton; Mortality; Time; Loss; Melancholy;

INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná, Pesquisador de pós-doutoramento pela FFLCH/USP e professor adjunto do IFPR: benito.maeso@ifpr.edu.br.

² Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

a. Melancolia e mortalidade

A mortalidade é um dos grandes tópicos do pensamento ocidental. Intimamente ligado com a busca pela verdade (PLATÃO, 1983, p.68), o ato de morrer é também a correlação com o que se degenera, se destrói, ou efetivamente cessa de existir. Sendo assim, todos os seres vivos são ligados à morte: para estar vivo, é necessário que se possa morrer. No interior da problemática cristã, a mortalidade está ligada ao pecado original, como um dos castigos pela expulsão da humanidade do Éden e o martírio dado pela finitude, doença, etc.. A condição humana estaria, portanto, condicionada a se defrontar com a finitude e a degeneração. Entre as degenerações desta condição estão as patologias que afligem o organismo e podem conduzir ou aproximá-lo da morte. Dessas, uma das mais comumente estudadas é a melancolia.

A melancolia, do grego *μελαγχολία*, traduzido como “bílis negra” ou “atrabilis” (PANOFSKY et al., 1979, p.3), era compreendida como um estado patológico oriundo do excesso de tal bile no organismo, havendo discordâncias sobre a origem fisiológica deste fluido: alguns afirmam ser uma corruptela dos fluidos do fígado e do sangue (ibidem, p.14), enquanto outros atribuem sua produção ao baço (BURTON, 2014b, p.38)¹. A melancolia era considerada primordialmente como um humor de ordem fisiológica e sua abundância no organismo acarretaria morbidez, tristeza, medo, constipação, solidão e demais problemas físicos e mentais. Suas causas são diversas, contando-se má alimentação², indisposição, pecado, condição astrológica, possessão, etc., entre elas. Além disso, de acordo com Burton (2014b) e Panofsky (1979), a melancolia está associada e é influenciada pela presença de Saturno (deus romano do tempo, correlato do deus grego Cronos), sendo regente da dualidade entre a austeridade/generosidade e a abundância/sobriedade (PANOFSKY, 1979, p.133-135).

¹ A edição de *Anatomia da Melancolia* citada está dividida em quatro volumes (*Demócrito Júnior ao Leitor*, *Primeira Partição*, *Segunda Partição* e *Melancolia Amorosa*), com tradução de Guilherme Gontijo Flores. Utiliza-se neste artigo apenas os três primeiros volumes e para cada um, são marcadas as letras A, B e C respectivamente a fim de auxiliar no mapeamento das citações.

² Cláudio Galeno, em *De Temperamentis* (original 1545; ed. consultada 2019), enumera seis hábitos dados como “não naturais” e que precisam de moderação para o equilíbrio dos fluidos corporais: a) o ar e o ambiente; b) comida e bebida; c) sono e a vigília; d) movimento e o repouso; e) excreções; f) as paixões da alma.

Um dos estudos sobre melancolia mais aprofundados, a *Anatomia da Melancolia* de Robert Burton apresenta a causa da melancolia não como uma questão fisiológica (como pensava a tradição médica do período, sobretudo os discípulos de Galeno), mas como uma condição de existência oriunda da mortalidade:

A melancolia [...] pode se dar por disposição ou hábito. Por disposição é a melancolia transitória que vem e vai em cada mínima ocasião de tristeza, necessidade, doença, transtorno, medo, aflição, paixão ou perturbação da mente, qualquer tipo de preocupação, dissabor, ou pensamento, que causa angústia, embotamento, indolência e inquietação do espírito, de algum modo oposta ao prazer, alegria, júbilo, deleite, causando pertinácia ou aversão em nós. Com esse sentido equívoco e impróprio nós chamamos de melancólico aquele que é embotado, triste, amargo, indolente, indisposto, solitário, de algum modo alterado ou dissaboroso. E dessas disposições melancólicas ninguém que viva está livre, nenhum estoico, ninguém é tão sábio, ninguém é tão feliz, ninguém é tão paciente, tão generoso, tão divino, que se possa justificar, ou tão bem composto; porém, mais ou menos, cedo ou tarde, ele sente sua pontada. *A melancolia, nesse sentido, é o caráter da mortalidade.* [...] E é quase absurdo e ridículo um mortal procurar por um teor perpétuo de felicidade nesta vida (BURTON, 2014b, p.33-34, grifo nosso).

Para Burton, a melancolia não seria uma doença exclusiva de alguns, mas um sentimento que aflige toda a humanidade, uma vez que somos mortais. O texto de Burton apresenta uma particularidade em relação ao problema da melancolia ao posicionar a bílis negra como condição de existência, pois estabelece o fato de que a melancolia é um estado de humor recorrente e, sobretudo, necessário para a existência uma vez que viver é, em algum momento, se defrontar com ela e, por sua vez, com a própria finitude. Na segunda partição da *Anatomia da Melancolia* (Cura da Melancolia), membro 8, subseção 1 (*Contra a melancolia em si*), Burton apresenta um interessante argumento a respeito da condição do melancólico que, se contrastado com a literatura sobre o tema, apresenta a melancolia como uma característica positiva:

Cada um, diz Sêneca, *julga seu próprio fardo o mais pesado. E de todos o melancólico é o que mais reclama.* Cansaço da vida, horror a toda companhia ou a luz, medo, tristeza, suspeita, angústia da mente, timidez e outros terríveis sintomas do corpo e mente só agravam tal miséria; no entanto, se comparados às outras moléstias, não são tão hediondos quanto possam parecer. [...] Ademais, estão livres de muitas outras enfermidades, a solidão torna-os mais aptos à contemplação; e a suspeita, precavidos; um humor necessário em nosso tempo, [...] quem é mais atento, amiúde é mais ludibriado ou

ultrapassado. Medo e tristeza mantêm-nos temperados e sóbrios, livres de muitos atos dissolutos, que a jovialidade e a audácia incitam; não são portanto sicários, nem maléficis, ladrões ou assassinos. Como são facilmente abatidos, também são facilmente exaltados por palavras sutis e persuasões. A lassidão da vida faz com que não sejam tão embriagados pelos vãos prazeres transitórios desse mundo. Se deliram por uma coisa, são sábios e bem entendidos na maior parte das outras. Se forem inveterados, são *insensati* [insensatos], na maior parte delirantes, ou loucos, insensíveis aos males, ridículos para outros, mas felicíssimos e seguros por si mesmos (BURTON, 2014c, pp.275-276).

A partir do trecho, percebe-se que Burton dá privilégio à posição do melancólico, pois mesmo acometido pela melancolia, ele aparentemente possui um melhor juízo do que a maioria das pessoas, vivendo de maneira mais feliz e satisfatória do que aqueles que se consideram saudáveis ou sem tristeza. Em outras palavras, Burton observa no estado melancólico um aspecto benéfico ou, em parte, edificante àquele que o detém, não sendo necessariamente um malefício a ser descartado ou curado, sim avaliado conforme seus desdobramentos, como em Demócrito Júnior³, personagem do monólogo da Anatomia da Melancolia.

b. Tempo e mortalidade: Melancolia como tempo perdido

Demócrito Júnior é, para além de um personagem que expressa a íntima relação com a melancolia de Demócrito diante de uma Anatomia, entendida no contexto renascentista como uma dissecação ou “por a nu” (STAROBINSKI, 2016, p.147), também uma sátira sobre a condição do melancólico de forma a polemizar a própria relação entre o melancólico e o leitor: se há ociosidade o bastante para ler a Anatomia da Melancolia, o leitor também é um melancólico que procura, assim como Demócrito Velho e Demócrito Júnior, a própria causa de sua melancolia:

³ O personagem Demócrito Júnior é criado a partir de um paralelo com o filósofo Demócrito e a parábola do encontro entre ele e o filósofo Hipócrates. Nesse encontro, Hipócrates havia sido convocado a conversar com Demócrito, pois todos da cidade afirmavam que ele havia enlouquecido, já que vivia rindo e se escondia de todos para dissecar animais. Surpreendentemente, após um longo monólogo de Demócrito para Hipócrates, o filósofo da teoria dos quatro humores concluiu que Demócrito nunca esteve louco, mas sim sua melancolia o fez mais sábio e mais lúcido. Essa conclusão inesperada de Hipócrates corrobora com o comentário de Burton, pois apresenta o melancólico como um indivíduo que mesmo estando enfermo (seja por uma razão fisiológica ou não), apresenta melhor discernimento sobre a realidade do que aqueles que não são acometidos pela melancolia. Nesse caso, tendo em vista que Demócrito Júnior se compreende como um melancólico, também observa o malefício da doença como parcialmente produtiva uma vez que se põe a escrever a anatomia para afastar a doença.

Com o título de “Demócrito, o Jovem, ao leitor”, é um discurso fictício, numa encenação muito estudada. A isso se sucede a advertência em latim “Ao leitor que emprega mal o seu tempo” (Lectori male feriato). [...] Como se estenderam a reflexão sobre a obra, sobre si mesmo, as advertências e as captações de benevolência dirigidas ao leitor! Que cerimonial! Que esquisitice “barroca”, essa mistura de imagens fabulosas, de autocrítica e de justificativa! (STAROBINSKI, 2016, p.147).

Ao longo do texto de Burton é possível observar que Demócrito Júnior vê na relação entre melancolia e mortalidade não somente características degenerativas e sim que a degeneração, a própria melancolia, enquanto condição do viver, proporciona saber e aprendizado: desliga-se da causa da melancolia um fator fisiológico e se instaura como fato inevitável por simplesmente se existir. Sendo assim, é possível depreender as razões que conduzem Demócrito Júnior a se posicionar como um aprendiz da própria moléstia que o acomete (BURTON, 2011a, p.55-57) na medida em que dá à melancolia (com os sintomas de tristeza, embotamento, solidão, etc.) a vinculação com a morte, mesmo que disso se ria ou deboche da própria situação.

Contudo, Demócrito Júnior parece ignorar uma possível relação entre tempo e melancolia: a finitude e a degeneração acontecem em função da passagem do tempo. Mesmo mencionando a concepção da velhice como condição da melancolia, sobretudo como uma “segunda infância” (BURTON, 2014b, p.116-117), Burton não parece estabelecer entre a noção de tempo e mortalidade uma vinculação que possa suscitar a melancolia. Igualmente, ao ponderar sobre a melancolia advinda da condição sobrenatural, a saber, pela influência de Saturno, o autor parece ignorar a cronologia, ou a própria função de Saturno/Kronos como responsável pela melancolia:

Tal variedade de sintomas melancólicos procede dos astros, diz Melâncton; a mais generosa melancolia, como de Augusto, vem da conjunção de Saturno e Júpiter em Libra; a maligna, como a de Catilina, do encontro de Saturno e Lua em Escorpião. [...] A causa de toda intemperança, ele toma como cardinal e primariamente proveniente dos céus: da posição de Marte, Saturno e Mercúrio (BURTON, 2014b, p.112-113).

Apesar de Burton concordar com as inferências de Melâncton e posteriormente Cardano de que Saturno, invariavelmente, aparece como astro responsável pela formação do humor melancólico, Burton não parece admitir a temporalidade como uma

das características da melancolia uma vez que sua condição primária de surgimento é a mortalidade. Ademais, mesmo tendo em vista que o frontispício que dá início a Anatomia da Melancolia apresente a figura de Saturno como relevante para o pensamento de Demócrito e de Demócrito Júnior, a vinculação entre Saturno e tempo nunca é devidamente explorada nesses termos, senão como astro influente na formação da psique de um melancólico, sendo que uma das características mais relevantes do deus é o fato de ser o detentor ou, ainda, ser o próprio tempo.

De acordo com Hesíodo, Kronos ou Crono é descrito como “Crono do curvo pensar” (1995, p.93), sendo o Titã responsável pela amputação do falo de Urano e depois por comer os próprios filhos que produzira com Reia, com exceção a Zeus. Enquanto deus do curvo pensar, é possível estabelecer a interpretação de que Crono é aquele que consegue dobrar em si mesmo, ou que reflete sobre si próprio enquanto regente do tempo. E, tendo em vista a sua aproximação com o termo *chrónos* (e por sua vez *aión*)⁴, desde a antiguidade a figura do deus é justaposta com a noção de tempo, de forma que o se curvar é característica do deus e do próprio tempo. Essa justaposição se intensifica uma vez que a civilização romana e os estudos astrológicos, ao importarem a mitologia grega para si, atribuíram aos astros as características dos deuses gregos e deram a eles as mesmas propriedades dos deuses e, por sua vez, dos humores regentes por esses planetas/deuses (PANOFSKY et al., 1979, p.147). Nesse sentido, portanto, há na deidade tanto a concepção de temperamento, a saber, melancólico, como igualmente a correlação imediata com a noção de tempo.

Sendo Kronos/Saturno (aqui compreendidos como sinônimos) regentes do tempo, os conceitos de *chrónos* e *aión* se tornam relevantes para a questão, pois Saturno seria responsável pela correlação entre a concepção de um tempo qualitativo e imensurável, entendido por “eternidade”, “élan vital” tanto como de um tempo quantitativo e mensurável como cronologia e unidades temporais (CAMPILLO, 1989,

⁴ A partir de Alliez (2004), é possível afirmar que a relação entre o termo *Kronos* (κρονος) e *Chrónos* (χρονος) foi estabelecida desde a antiguidade em valor de igualdade, de forma que a figura mitológica era também responsável pelo Tempo, aqui compreendido com letra maiúscula uma vez que abarcava consigo os três tempos: *chrónos*, *aión* e *kairós*. Igualmente, nas seitas órficas, Crono era entendido como um deus fundamental, a saber, “ele gera o ovo cósmico que, ao se abrir em dois, dá origem ao céu e a terra e faz aparecer Phánes, o primeiro nascido dos deuses, divindade hermafrodita na qual se anula a oposição entre macho e fêmea” (VERNANT, 1990, p.155-156). Dessa perspectiva, Crono era responsável por uma concepção de tempo originário de ordem eterna e imutável, contrário ao tempo humano e, assim, ligado à concepção de esquecimento e morte (1990). Sendo assim, é válido observar uma correlação entre os dois termos, bem como a influência do deus com a noção de tempo foi vinculada a uma dualidade contrastante entre eternidade e finitude, ou ainda entre o perene e o efêmero.

p.40). De acordo com Campillo, a temporalidade entre *aión* e *chrónos* seria de uma dependência espelhada, em que essa eternidade depende intimamente do tempo mensurável para que a existência seja devidamente possível de ser vivida:

Seja como for, está claro já de entrada é que a anterioridade (ou precedência) de *aión* em relação a *chrónos*, e a posterioridade (ou procedência) deste em relação àquele não podem ser entendidas cronologicamente, sim ontologicamente. Isso significa dizer que, se o tempo procede da eternidade, essa procedência não pode significar mais do que duas coisas: por um lado, significa que *chrónos* deriva de *aión* porque o imita, o reflete, o reproduz ou o representa, a saber, porque mantém com ele a mesma relação que a cópia com o original; por outro lado, significa que *chrónos* depende constitutivamente de *aión*, que um não pode se dar sem o outro, que não é pensável uma sucessão, o puro trânsito ou movimento como algo subsistente em si mesmo, independente da simultaneidade eterna, do mesmo modo que não pode subsistir a cópia de forma independente do original. Essa dupla significação vem, pois, ilustrada pela metáfora do espelho: a imagem luminosa refletida no vidro procede da luz originária e depende constitutivamente dela, sem que essa procedência e dependência impliquem qualquer sucessão temporal (CAMPILLO, 1989, p.44, tradução nossa).

Tendo em vista o comentário de Campillo, pode-se depreender que a vinculação entre *aión* e *chrónos* pressupõe uma simultaneidade dependente, de forma que Saturno, desse ponto de vista, seria um deus que transpõe suas qualidades através da correlação entre suas temporalidades. Em outras palavras, o tempo enquanto melancolia é também um tempo que espelha suas características qualitativas enquanto duração e élan vital na própria mortalidade enquanto aspecto quantitativo e mensurável.

c. A Recherche invertida: tempo perdido como melancolia

Diante desse problema coloca-se a discussão de que não seria possível ignorar que a mortalidade, a saber, a melancolia, estaria ligada com a temporalidade: seja pela sua relação estabelecida com Saturno via suas características divinas, temporais e astrológicas, seja pela relação com a mortalidade que pressupõe o envelhecimento e a degeneração. Nesse sentido, o trabalho de Marcel Proust no *Em Busca do Tempo Perdido* (também conhecida como *Recherche*) estabelece uma vinculação do tempo e mortalidade, e, por sua vez, melancolia, a partir do conceito de tempo perdido.

O romance de Proust se caracteriza pela narrativa de um personagem chamado Marcel, que em um processo genealógico que percorre da infância até a velhice, busca compreender a partir de seu passado um motivo filosófico para cumprir a finalidade de ser um escritor. Assim, nesse processo de investigação bastante longo do passado e de rememoração de uma série de eventos, o autor consegue estabelecer que seu motivo para o romance é o próprio tempo, de forma a tentar resgatar o que houve no passado como uma demonstração da experiência do tempo pela escrita. Esse processo, em suma, compreende literalmente a *Recherche*, isto é, a pesquisa ou a investigação de um tempo perdido, ou ainda efetivamente que já se faz passado.

A fortuna crítica de Proust⁵ atribui à *Recherche* a dualidade entre dois tempos: tempo perdido (*temps perdu*) e redescoberto (*temps retrouvé*). O primeiro seria o tempo do romance que efetivamente é passado, impossível de se reaver, enquanto o segundo é o tempo perdido que consegue ser trazido outra vez pela memória de maneira que é revivido no presente. Com essa premissa, o romance seria caracterizado pelo processo de rememoração do passado a partir de Marcel, que em busca de um motivo para escrever, repassa em minúcia o seu próprio passado a fim de cumprir o propósito do romance. Sendo assim, todo o texto proustiano seria um esforço de rememoração que, ao ser redescoberto, faz com que a experiência do passado seja revivida no presente, se tornando algo “extratemporal” (PROUST, 2013, p. 212). O trecho de Erich Auerbach sobre Proust é bastante esclarecedor sobre essa relação:

Foi [Proust] o primeiro que levou a cabo algo semelhante de forma coerente, e toda sua forma de proceder está atada ao reencontro da realidade perdida na memória, liberada por um acontecimento exteriormente insignificante e aparentemente casual. O processo é descrito muitas vezes; de forma muito exata e com a teoria da arte que dele resulta, apenas no segundo volume de *Le Temps Retrouvé*; pela primeira vez, porém, e de forma muito impressionante, já na primeira parte *Du côté chez Swann*, onde o sabor de um bolinho (*petite madeleine*) molhado no chá, durante uma noite desagradável de inverno, desperta no narrador um encantamento subjuguante, mas indefinido num primeiro instante. Com o esforço violento, muitas vezes repetido, tenta sondar a sua espécie e a sua origem; o que se demonstra é que há um reencontro no fundo desse encantamento. [...] Aqui, no caso de Proust, mantém-se sempre um “eu” narrativo, embora não se trate de um escritor que observa de fora, mas uma personagem subjetiva enredada na ação, que a perpassa com o especial sabor da sua essência. [...] Proust visa à objetividade e à essência do acontecido: procura atingir esta meta confiando-se à

⁵ Como Erich Auerbach (2013), Walter Benjamin (2014), Gilles Deleuze (2003), entre outros.

direção da sua própria consciência, não da consciência presente em cada instante, mas da consciência rememorante. O surgimento da realidade de dentro da consciência rememorante, a qual abandonou há tempo as circunstâncias em que se achava em cada momento em que o real acontecia presentemente, vê e ordena o seu conteúdo de uma forma que é totalmente diferente do meramente individual e subjetivo (AUERBACH, 2013 p. 488).

O comentário de Auerbach é exemplar na exposição do problema proustiano: encontrar a realidade perdida na memória através de um processo de escrita rigorosa que visa rememorar os acontecimentos do passado. Igualmente, Walter Benjamin pontua sobre a concepção de um tempo entrecruzado em que a recordação do passado e o tempo presente se unem, proporcionando a experiência extratemporal em Proust (BENJAMIN, 2014, p. 46-47), assim como Deleuze afirma que em Proust todo tempo perdido é um tempo redescoberto, de maneira que todo o romance proustiano se constitui como uma grande obra de rememoração (DELEUZE, 2003, p.23). Em suma, os comentadores de Proust apontam para a direção de que a proposta da *Recherche* fosse, de fato, de uma redescoberta da experiência do passado no presente de maneira que o narrador conclui sua tarefa de escrever um romance sobre o tempo. Da mesma forma, pode-se observar que tais comentadores consideram, portanto, de grande relevância a necessidade do tempo perdido.

No entanto, na *Ontologia do Acidente de Catherine Malabou*, há uma demonstração a respeito do tempo a partir da concepção de velhice que modifica o entendimento sobre a relação entre tempo perdido e tempo redescoberto:

A passagem do *Temps retrouvé* em que o narrador idoso revê seus antigos conhecidos após anos de ausência, quando da “matinée” oferecida na casa dos Guermantes, é uma extraordinária encenação das duas concepções de velhice evocadas acima, o devir-velho e o instantâneo da velhice. Proust as faz de certo modo coincidir. Mais exatamente, preparando esse momento durante toda a *Recherche du temps perdu*, ele as conduz a esbarrarem uma com a outra, a se entrechocarem, no segredo de uma vertiginosa e angustiante unidade. Os convidados se tornaram irreconhecíveis. “No primeiro instante,” diz o narrador, “não entendi por que vacilava em reconhecer o dono da casa, os convidados, por que me pareciam todos trazer à caráter as cabeças, em regra empoadas, que os modificava inteiramente”. Esse “que os modificava inteiramente” é muito importante. Revela uma transformação bífida e conflituosa, de continuidade e ruptura ao mesmo tempo. (MALABOU, 2014, p. 43-44)

Malabou apresenta que, mesmo que haja uma redescoberta em Proust em que as personagens, agora velhas, são a junção do passado com o presente, ainda assim elas perecem, pois estão próximas da morte de tal maneira que a passagem do tempo as consumiu. Não existe uma redescoberta do tempo que necessariamente faça da extratemporalidade uma permanência, mas sim uma constante destruição e deturpação da condição dos seres:

A composição do novo indivíduo parece por um lado ter ocorrido sem choques, ao termo de um movimento gradual, de uma encenação incessante e sem rasgos, como se o tempo superpusesse o indivíduo a si mesmo: “Esse artista trabalha, aliás, muito lentamente. Assim a réplica de Odette, cujo esboço, no dia em que vi Bergotte pela primeira vez, vislumbrara no rosto de Gilberte, o Tempo, tal um pintor que retivesse longamente a obra e aos poucos a completasse, levava-o afinal à perfeita semelhança”. Longo trabalho, deformação constituinte do devir-velho, que procede à substituição de cada célula por uma outra e prepara lentamente, em cada um de nós, o aniquilamento final (MALABOU, 2014, p. 44).

Esta análise extrapola a condição dada por Auerbach, Benjamin e Deleuze, pois apresenta o fato de que a mortalidade, no interior da obra de Proust, efetivamente acontece, e os próprios personagens se degeneram a tal ponto que a velhice os deforma, degenera, os torna irreconhecíveis. Se há uma extratemporalidade afirmada por Proust, ela se dá na medida em que a *Recherche* pretende funcionar de maneira cíclica, induzindo o leitor ao término do último volume que retorne ao primeiro. Todavia, é possível supor uma distorção desse processo de perpetuidade.

Todos os comentadores citados fazem a leitura da obra de Proust conforme sua ordem cronológica, a saber, *No Caminho de Swann*, *À Sombra das Raparigas em Flor*, *Caminho de Guermantes*, *Sodoma e Gomorra*, *A Prisioneira*, *A Fugitiva* e *O Tempo Redescoberto*, de maneira a cumprir a trajetória estabelecida pelo próprio autor. Contudo, ao final do último volume, nos é revelado que o narrador, em verdade, descobre o motivo de sua escrita no fim da vida e que todos os demais volumes são, propriamente, o romance que ele gostaria de ter escrito. Assim, compreende-se ser possível que Marcel descubra que a lembrança de seu passado já desde o primeiro volume era, em verdade, o tempo perdido:

Sim, a esta obra, a noção do Tempo, que acabava de adquirir, me dizia chegada a hora de consagrar-me. Essa urgência justificava a

ansiedade que de mim se apoderara ao entrar no salão, onde as fisionomias retocadas me deram a sensação do tempo perdido; mas já não seria tão tarde e será que eu ainda conseguiria? Eu vivera como o pintor galga a encosta que penetra um lago, cuja vista lhe é vedada por uma cortina de rochedos e árvores. Por uma brecha, divisa-o afinal, tem-no todo sob os olhos, toma dos pincéis. Mas já a noite chega e o impede de pintar, a noite após a qual não haverá mais dia! Indispensável à obra tal como há pouco a concebera na biblioteca seria a análise em profundidade das impressões, depois de recriadas pela memória. Ora, esta estava gasta. (PROUST, 2013, p. 391)

Frente a essa descoberta, Marcel esclarece que precisa se apressar para realizar toda a escrita do romance, pois talvez já seja tarde demais e lhe falte tempo em escrever a *Recherche*, uma vez que está prestes a morrer:

Se de início a obsessão da morte me amargurou assim o amor, depois da lembrança do amor ajudou-me a encarar corajosamente a morte. Compreendi que morrer não me seria novidade, que, ao contrário, já morrera muitas vezes desde a infância. [...] Essas mortes sucessivas, tão terríveis ao ser que hão de aniquilar, tão inócuas, tão suaves uma vez realizadas, quando já não existia quem as receara, me haviam, recentemente, feito entender quão pouco sensato era o medo da morte. Ora, após haver aprendido a considerá-la com sobrançeria, punha-me agora de novo a temê-la, por motivos diferentes, é verdade, não mais por mim, porém meu livro, a cuja eclosão seria, ao menos durante algum tempo, indispensável esta vida que tantos riscos ameaçavam. (PROUST, 2013, p.394)

Marcel se preocupa com o fato de que sua obra, uma vez que possui a envergadura de uma reescrita do passado, é grande - e que talvez não haja tempo suficiente para efetivamente concluí-la. Diante desse fato, pode-se depreender que o romance lido até então era, em verdade, o próprio trabalho que Marcel anunciara ter pressa em realizar, de forma que concluir o último volume é reiniciar o ciclo de leitura da *Recherche* indefinidamente. Sendo assim, a proposta de explicitação da experiência do tempo, para Proust, é também uma anatomia, na medida em que visa desnudar como a vida de Marcel era o próprio motivo para a escrita, uma vez que ela apresenta o tempo perdido. Tal processo dá suporte à leitura de Malabou de um tempo destrutivo, em que a cronologia efetivamente aproxima Marcel da morte.

Contudo, e se a ordem de leitura estabelecida por Proust for deliberadamente desobedecida? Se levado em consideração esse detalhe, é também possível firmar a premissa de que a *Recherche* não começaria pelo primeiro volume e sim pelo último, de maneira que o romance se passa não como um processo de redescoberta (trazer o

passado no presente) e sim como o relembrar de um passado que já se fez extinto e que é apenas uma nostalgia. Diante disso, pode-se compreender a busca pelo tempo perdido como a compreensão do que efetivamente já se passou, a saber, como o contemplar do que se perdeu, sintoma explícito dos melancólicos nas palavras de Burton:

Tal como os alquimistas que despendem seu módico ganho para obter ouro, sem nunca encontrá-lo, nós perdemos e negligenciamos a eternidade por um prazer momentâneo de que não podemos fruir e que nunca hemos de atingir nesta vida. Temos horror à morte, à dor e à aflição, nós todos, entretanto nada queremos fazer do que nos poderia vindicar, mas preferimos nos lançar a isso. *O lascivo prefere sua prostituta à sua vida ao aos seus bens; um irroso, sua vingança; um parasita, seu ventre; o ambicioso, honras; um soldado, seu espólio; nós temos horror às doenças, no entanto as lançamos sobre nós.* Nunca estamos melhores ou mais livres dos cuidados que quando dormimos, entretanto, como tanto evitamos e lamentamos, a morte é um sono perpétuo, então por que, como argumenta Epicuro, ela nos assusta tanto? Quando somos, a morte não é, mas quando a morte é, já não somos: nossa vida é tediosa e perturbadora para aquele que vive melhor, *é uma miséria nascer, uma dor viver, uma perturbação morrer. [...] Pois não há prazer aqui, só tristeza está anexa, seguida de arrependimento. [...] De ambos os modos, me é perturbador despertar e ir para a cama, comer e prover o alimento, cuidados e contendas acompanham-me o dia inteiro, medos e suspeitas, a vida inteira. Estou descontente, e porque eu desejaria tanto viver?* (BURTON, 2014c, p. 238)

Para Burton é explícito que o medo da perda, seja de um objeto ou da própria vida, causa melancolia de tal forma que se põe em questão o motivo pelo qual continua-se vivendo diante de tamanha incerteza e infortúnio: esse é o dilema do melancólico, tanto para Marcel como para Demócrito Júnior. Dessa forma, analisando a *Recherche* de maneira invertida, a saber, começando pelo último volume em vez do primeiro, é passível se observar a trajetória da perda como a trajetória da mortalidade e, por sua vez, da melancolia. Essa leitura não só demonstraria uma novidade em relação à fortuna crítica de Proust, como também posicionaria um entendimento a respeito da melancolia que, diante das fontes obtidas por Panofsky e Burton, são inovadoras e complementares já que os autores não observam a melancolia como a passagem do tempo. Nesse sentido, Proust poderia também ser entendido como um melancólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, Demócrito Júnior e Marcel, sendo personagens fictícios criados por seus autores, poderiam estar em comunhão a partir da premissa de que ambos, a partir da perda e da condição inevitável da morte, buscam compreender a natureza de um mesmo problema: a melancolia. Há, para ambos, a necessidade de anatomizar a melancolia, desnudar a compreensão sobre a tristeza que lhes acomete, pois ambos percebem ser assolados por um problema que não foi resolvido. Logo, tanto a *Recherche* e a *Anatomia da Melancolia* poderiam ser colocadas em ressonância a partir dessa perspectiva, de maneira que pode-se inferir que a melancolia, enquanto condição de toda mortalidade, é o próprio tempo que se perde. Nesse sentido, a figura de Saturno se faria mais explícita e além de mero fator astrológico (como aponta Burton), seria sinônimo de tempo de maneira a estar intimamente ligado com a melancolia, sobretudo pela vinculação entre *aión* e *chrónos*.

É possível, portanto, vincular o trabalho de Burton e de Proust a partir da hipótese da melancolia, de maneira que o entendimento de perda estabelecido pela *Recherche* enquanto morte se relaciona diretamente com a noção de perda melancólica de Burton. Assim, para ambos os autores, a mortalidade é não somente demanda indispensável para a investigação de seus objetos, mas também motivo para consolidação de seus próprios trabalhos. Ademais, também pode-se depreender a condição de que Proust, em seu próprio trabalho, estabelece uma relação com a melancolia que pode se distanciar da tradição da melancolia europeia uma vez que infere a temporalidade como fator de tristeza.

Todavia, ainda são possíveis as vinculações de Proust com a noção de tristeza e melancolia já que toda a *Recherche* entende o passado como uma perda que, sob o viés de Malabou, pode ser lembrada, mas não retomada como antes. Esse detalhe altera a interpretação sobre o conceito de redescoberta apresentado pela fortuna crítica de Proust e, igualmente, o insere mais profundamente no debate melancólico tendo em vista as coincidências que se pode encontrar entre o texto proustiano e o de Burton no que diz respeito às personagens fictícias, a investigação do próprio problema da tristeza, além da estreita relação com a perda.

REFERÊNCIAS

ALLIEZ, E. “Aiôn, Chronos”. In: CASSIN, Barbara. (Ed.). **Dictionary of Untranslatables: a philosophical lexicon**. Translated by Steven Rendall, Christian Hubert, Jeffrey Mehlman, Nathanael Stein, and Michael Syrotinski. Translation edited by Emily Apter, Jacques Lezra, and Michael Wood. New Jersey: Princeton University Press, 2004.

AUERBACH, E. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. Ed. Brasiliense. São Paulo: 2014.

BURTON, R. **A Anatomia da Melancolia – Demócrito Júnior ao Leitor**. Trad. Guilherme Gontijo Flores. Ed. UFPR. Paraná: 2014^a

BURTON, R. **A Anatomia da Melancolia – Primeira Partição – Causas da Melancolia**. Trad. Guilherme Gontijo Flores. Ed. UFPR. Paraná: 2014b.

BURTON, R. **A Anatomia da Melancolia – Segunda Partição – A Cura da Melancolia**. Trad. Guilherme Gontijo Flores. Ed. UFPR. Paraná: 2014c.

CAMPILLO, A. Aión, Chrónos y Kairós: la concepción del tempo en la Grecia Clásica. **La(s) Otra(s) historia(s): una reflexión sobre los métodos y los temas de la investigación histórica**, n.3, p.33-70, 1989.

DELEUZE, G. **Proust e os Signos**. 2. ed. Trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

GALENO, C. **Galení pergamensis de temperamentis, et de inaequali intemperie**. Trad. Thomas Linacre. Ed. Joseph Payne. Project Gutenberg, 2019. Disp. <http://www.gutenberg.org/files/58978/58978-h/58978-h.htm>.

_____, **Works on Human Nature Vol.1 – Mixtures**. Trad. P. N. Singer, Philip J. Van der Eijk, Piero Tassinari. Cambridge Galen Translations. Cambridge : Cambridge University Press, 2019b.

HESÍODO. **Teogonia – a origem dos deuses**. Trad. Jaa Torrano. Ed. Iluminuras. São Paulo: 1995.

MALABOU, C. **Ontologia do Acidente – Ensaio sobre a plasticidade destrutiva**. Trad. Fernando Scheibe. Ed. Cultura e Barbárie. Florianópolis: 2014.

PANOFSKY, E., KLIBANSKI, R., SAXL, F. **Saturn and Melancholy – Studies in the History of Natural Philosophy, Religion and Art**. Ed. Kraus Reprint. Liechtenstein: 1979.

PLATÃO, **Fédon**. Trad. José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Coleção Os Pensadores. Ed. Abril. São Paulo: 1983.

PROUST, M. **O Tempo Redescoberto**. 3a. ed revista. Trad. Lúcia Miguel Pereira. São Paulo: Editora Globo, 2013.

STAROBINSKI, J. **A Tinta da Melancolia – uma história cultural da tristeza**. Trad. Rosa Freire D’Aguiar. Ed. Companhia das Letras. São Paulo: 2016.

VERNANT, J. P. **Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica**. Trad. Haiganuch Sarian. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1990.